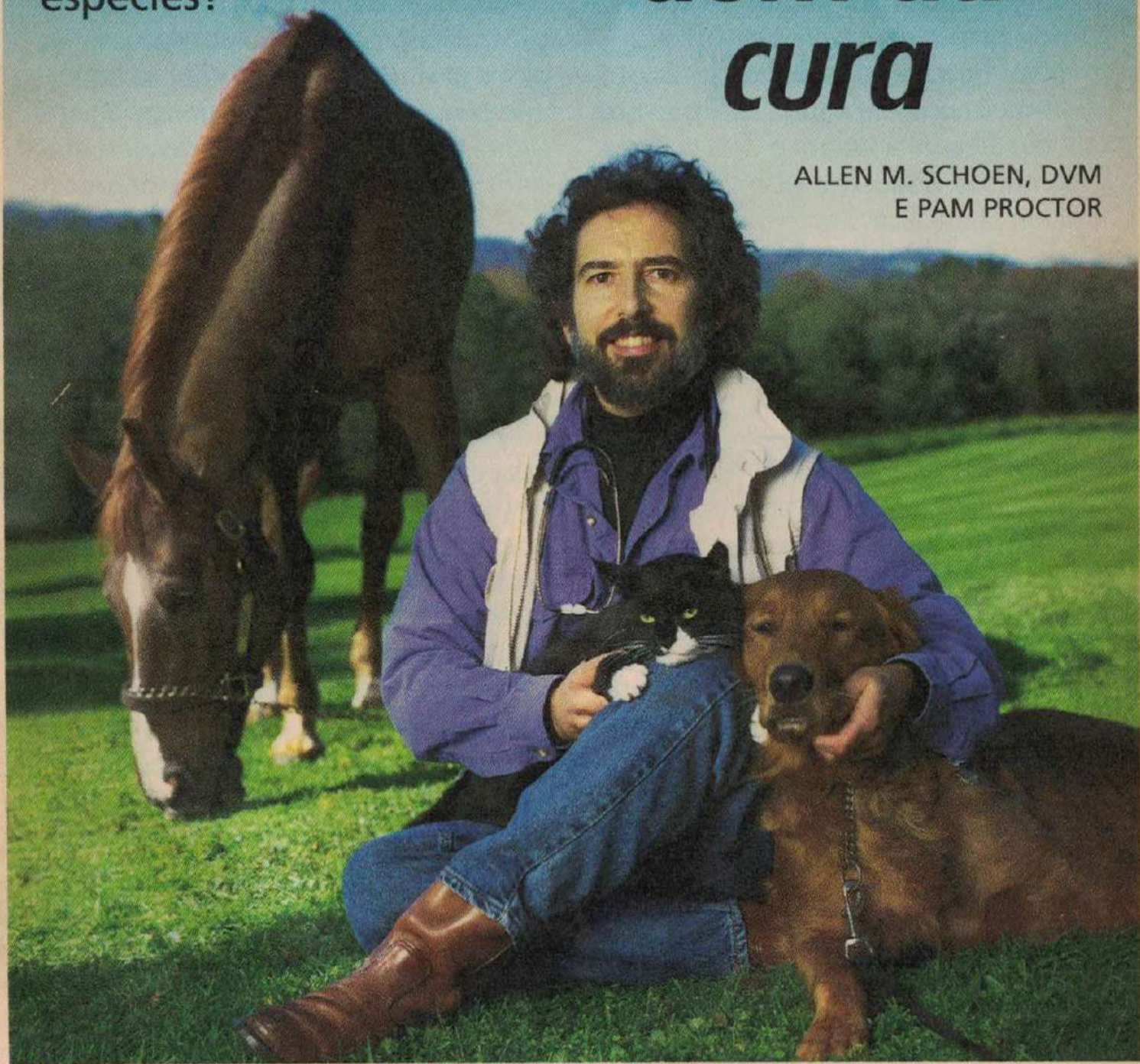


**N**A PRIMEIRA vez em que vi a cadela de caça dourada, doente e abandonada ela apresentava o pior caso de filária que já tinha visto como veterinário. Milhares de microfilárias, como se chamam os

Qual a fonte do raro poder com outras espécies?

# Minha cadela tinha o dom da cura

ALLEN M. SCHOEN, DVM  
E PAM PROCTOR





vermes novos, haviam se reproduzido e passado ao tecido do coração.

A julgar pelo ruído áspero da respiração, desconfiei que morreria de colapso cardíaco, mas olhando dentro de seus olhos carentes, vi que não podia abandoná-la. "Se resistir, fico com você", prometi.

Um amigo tinha encontrado a cachorra vagando nas proximidades de onde eu trabalhava em meu primeiro emprego como veterinário. A cada passo ela caía, com ataque de tosse, e depois lutava para se levantar.

Não havia qualquer identificação, nem mesmo coleira para mostrar que um dia alguém a amara e dela cuidara. No entanto, fiquei cativado assim que a avistei. Tinha a cara mais simpática que já vira. Quando lhe afaguei a cabeça e a cocei debaixo do queixo, ela se aconchegou a mim como se fôssemos amigos num reencontro após muito tempo. Dei-lhe o nome de Megan.

Ela estava com 4 anos e, embora o pêlo se mostrasse seco e sem brilho, logo percebi que tinha sido uma beleza, apesar de agora desfigurada. As gengivas descoradas e a tosse seca e espasmódica revelavam a gravidade de seu estado.

O tratamento iniciado imediatamente foi quase pior do que a moléstia. Duas vezes por dia, nos três dias subseqüentes, injetei um derivado de arsênico na corrente sangüínea de Megan por meio de um cateter na pata dianteira direita. O veneno iria lentamente decompor e matar os vermes que obstruíam o coração.

Megan deve ter sentido que eu estava tentando ajudá-la, pois em nenhum

momento fugiu da agulha da seringa. Pelo contrário, estendia a pata para eu poder aplicar a injeção endovenosa.

Durante o mês seguinte, mantive Megan numa gaiola da clínica veterinária, velho galpão cheio de pacientes em restabelecimento. Entre as consultas, eu a afagava e dizia algumas palavras para animá-la, e voltava logo ao trabalho. À noite eu a levava para minha cabana, onde ela se enroscava na manta em frente à estufa de lenha.

Foi melhorando dia a dia. Após cerca de dois meses a tosse passara, os olhos já tinham algum brilho e o pêlo apresentava o princípio de um lustre sadio. O exame de sangue revelou que estava curada. Quando me debrucei para abraçá-la, Megan deu uns latidos impetuosos, abanou a cauda e encheu meu rosto de beijos babados.

A partir daquele momento, ela tomou vida e a doçura e o carinho que me haviam atraído logo no início adquiriram nova dimensão. Parecia dotada de capacidade ilimitada de amar.

Em pouco tempo eu descobriria que Megan tinha talento realmente espantoso, um dom especial. A primeira vez que o notei foi numa noite quando certo fazendeiro nos levou uma ovelha atacada por um bando de cães selvagens.

A ovelha, bamba e inerte, estava coberta de feridas e perfurações causadas por dentadas. Administrei uma solução de eletrólitos para tratamento do choque. Cerca de uma hora depois ela começou a melhorar, mas ainda se achava tão debilitada que pensei não ser possível passar daquela noite. Resolvi levá-la para casa e



deixar que dormisse defronte da estufa para poder observá-la.

Mas nem tive a oportunidade de bancar a enfermeira. Megan assumiu o papel, delicadamente lambendo e focinhando a ovelha.

O animal reagiu às atenções de Megan com um balido fraquinho. Megan parou para escutar o *baaaaa* e continuou o tratamento. Quando terminou, aninhou-se ao lado da ovelha para passar a noite.

Na manhã seguinte, bem cedo, fui despertado por Megan, que puxava as cobertas a fim de me levar para a porta. Pensando no pior, saltei da cama e

decline. Com a simples demonstração de carinho, Megan tinha apressado a transformação física interna.

A partir desse dia, passei a considerar Megan uma parceira nas curas. Muitas vezes, quando aparecia uma emergência na clínica veterinária, levava-a comigo e deixava que percorresse as baias para ver “seus” pacientes. Inexplicavelmente, quando Megan estava presente, desaparecia qualquer antipatia natural que pudessem existir entre as espécies.

Eu ficava observando, sem poder acreditar, enquanto ia de gaiola em gaiola. Não importava se a criatura

era cão, gato ou doninha. O sistema era sempre o mesmo: dar-lhes carinho, lambê-los e às vezes até deitar-se junto a eles.

Certa ocasião, uma gata prenha foi levada às pressas ao hospital, gemendo de dor. Tinha parido

uma cria em casa, mas outra permanecia no canal pélvico.

Fiz uma cesariana de emergência e suspirei aliviado. Duas bolinhas de pêlo molhado ainda estavam vivas.

Com cuidado, tirei as crias do útero e as entreguei à dona. Elas choravam sem parar. Quando Megan correu para a caixa dos bichinhos e começou a lamber seus corpinhos felpudos, a dona foi ficando cada vez mais aflita. Eu lia seus pensamentos: *Será que o cachorro vai maltratar os filhotes, fracos e cegos?* Quando ia interferir, a ex-

***Os cétricos poderiam dizer que os instintos de enfermagem de Megan provinham de sua raça, mas eu sabia que havia algo mais***



corri para a sala. Lá estava a ovelha, de pé na minha frente, as pernas já fortes. A seu lado, como mãe orgulhosa, encontrava-se Megan. Abanava a cauda freneticamente, a língua pendurada para fora da boca, numa espécie de sorriso canino.

Nunca tive dúvidas quanto ao motivo do pronto restabelecimento da ovelha. Eu sabia que a injeção endovenosa tinha estabilizado o animal, porém na Medicina há muitas vezes fator imponderável, algo misterioso que faz com que um paciente melhore e outro



pressão preocupada no rosto da mulher suavizou-se. “Ela parece substituir a mãe”, disse, assombrada.

Quando a nova mãe saiu da anestesia, já estava em condições de amamentar as crias. Megan afastou-se, abanando o rabo em sinal de aprovação, enquanto olhava a cena.

Os cétricos poderiam dizer que os instintos de enfermagem de Megan provinham de sua raça – cão de caça –, mas eu sabia que havia algo mais. Isso ficou evidente no dia em que um rapaz troncado, de roupas de camuflagem, entrou no consultório intempestivamente, carregando seu pointer de pêlo curto, desmaiado. “Atirei no meu cão!”, gritou, angustiado.

O homem estava caçando com o pointer quando escutou um farfalhar no mato. Sem verificar a origem do ruído, tinha feito pontaria e atirado. O chumbo perfurou o abdome do cachorro.

– Não consigo acreditar que atirei nele – repetia o dono. – Se ele resistir, nunca mais caçarei.

– Vamos fazer todo o possível – assegurei.

O intestino do pointer estava tão perfurado que foi necessário extrair uma parte de 15 centímetros e suturar as duas extremidades. Mas ele havia perdido tanto sangue antes da operação que receei que nem toda a mágica cirúrgica conseguiria fazê-lo sarar.

A última esperança era uma transfusão, e Megan era o único cão na clínica que não estava doente. Tirei um pouco de sangue do pointer e fiz um rápido teste de compatibilidade. O sangue era do mesmo tipo.

Com o cão ainda anestesiado na mesa de operação, preparei um tubo de transfusão e logo o sangue de Megan fluía na veia do pointer. A cada gota, o animal ia ganhando forças, visivelmente. Megan não era tão agitada quanto outros cães tendem a ser. Uma semana depois, quando o pointer voltou para um exame, Megan correu para ele, abanando toda a traseira em comemoração ao pleno restabelecimento de seu paciente.

Pouco depois minha noiva, Barbara, e eu deixamos que Megan assistisse ao nosso casamento. Durante a cerimônia ela se plantou entre nós – e prontamente adormeceu.

Num dia de primavera, quando Megan corria no quintal atrás de passarinhos, tropeçou. Uma semana depois eu a notei mancando ligeiramente da perna dianteira direita. De modo geral, o dono de um animal de estimação poderia não se preocupar com isso, porém desconfiei de que havia algo errado.

A radiografia da perna confirmou meus piores receios: câncer do osso. Descartei os tratamentos tradicionais – rádio e quimioterapia, além da amputação para impedir a propagação da doença. Megan estava com 14 anos e eu não podia submetê-la a tanto sofrimento.

Naquela noite Barbara e eu choramos baixinho, juntos, e dissemos a Megan quanto a amávamos. Nas semanas seguintes procuramos dar-lhe todo o conforto possível, com refeições caseiras, analgésicos naturais e antiinflamatórios. A verdade é que não precisávamos *fazer nada* por Megan. Assim



como cuidara dos outros, com naturalidade começou a se tratar.

À medida que o câncer piorava, ela passou a andar mais devagar nos passeios. Quando se cansava, parava, cheirava os arbustos ou observava uma borboleta. Logo nossas caminhadas não iam além de lenta volta pela entrada de carros.

Quando o tumor cresceu, Megan procurou uma fonte natural nos fundos de nossa casa, onde enterrava a perna na lama. Em muitas culturas usam-se compressas de lama para curar inflamações ligadas a alguns tipos de câncer. Ninguém ensinou a Megan o método de tratamento. Ela simplesmente sabia disso.

Passaram-se quatro meses desde o dia em que eu detectara o tumor, e pouco a pouco Megan foi enfraquecendo. Um dia, ao acordar, o corpo estava tão pesado que não conseguia levantar

a cabeça. Ajoelhei-me com o rosto junto ao dela e olhei dentro de seus olhos. “Minha velha”, disse eu, com brandura, “está na hora, não está?”

Minha esposa e eu nos abraçamos a Megan e depois fui buscar a seringa de injeção. Quando voltei, fiquei ali sentado, imóvel, sem querer enfrentar o inevitável. Megan pareceu levantar a pata direita, imperceptivelmente, para tomar a injeção. Em segundos, estava tudo acabado. Enquanto Barbara lhe segurava a cabeça, Megan suspirou fundo e morreu.

Isso foi há oito anos e ainda penso nela quase todos os dias. Ensinou-me que os laços básicos da natureza são mais misteriosos e tão poderosos quanto qualquer tratamento que o mundo científico tem a oferecer. Nesses laços estão os elementos do amor, da bondade, da cura física e espiritual – os elementos da própria vida.

---

### *Ahh, bom...*

NAS FÉRIAS DE VERÃO da universidade, meu filho Orion esperava utilizar sua habilidade no computador. A agência de empregos enviou-o a uma fábrica de laticínios local que tinha se queixado de um defeito em seu programa de computador.

Quando Orion chegou para ajudar foi levado pelo supervisor para a extremidade da esteira transportadora. O supervisor explicou que de 15 em 15 minutos, mais ou menos, a correia parava de repente, e as garrafas de leite voavam.

O trabalho de Orion seria apanhá-las.

Tena Hodson, Grã-Bretanha

MINHA AMIGA LINDA VOLTOU ao trabalho no lar de idosos depois de uma ausência de oito semanas. Quando uma das residentes a viu no corredor, abraçou Linda, dizendo quanto sentira falta dela nas três últimas semanas.

– Mas passei oito semanas fora – disse Linda.

– Eu sei, meu bem – respondeu a mulher –, mas só senti falta de você em três delas.

C. L. Farnum,, Canadá



certo foi instilado pelos pais. Honor Alberto Vicente, 60 anos, morador de Ribeirão Preto há 13 anos, lembra-se de quando era criança: “Tinha mais medo da minha mãe do que da polícia. E ela me ensinou a ser honesto.”

Alguns também devolveram por imaginar que o dono pudesse ser uma pessoa humilde. “Quem perdeu pode estar precisando muito do dinheiro”, disse Fábio Roberto Cantoni, 27 anos, comerciante do Rio de Janeiro.

Percebemos que quase todas as pessoas ainda têm consciência. Os olhares furtivos e as tentativas de dissimulação que observamos naqueles que tinham

<b>Resultados</b>	
<b>Locais</b>	<b>Devolução</b>
<b>Brasil</b>	<b>60%</b>
<b>EUA</b>	<b>67%</b>
<b>Canadá</b>	<b>64%</b>
<b>Europa</b>	<b>58%</b>
<b>Ásia</b>	<b>57%</b>

intenção de ficar com o dinheiro indicaram que eles sabiam estar fazendo algo errado. Mas uma coisa é certa: em nossa sociedade, o aumento ou a diminuição do senso do certo e do errado depende dos exemplos de integridade estabelecidos dia após dia. Nossa experiência pelo país inteiro – da desempregada em São Paulo ao comerciante de Manaus – sugere que isso é verdade.

*Você acha que o resultado do nosso teste reflete a honestidade do brasileiro? Queremos conhecer e eventualmente publicar sua opinião sobre este artigo. Escreva ou envie e-mail para Seleções.*



### **Atualização de software**

NO ANO PASSADO, UM AMIGO atualizou Namorada 1.0 para Esposa 1.0 e percebeu que o software logo começou a gerar processos secundários que consumiam recursos valiosos. O folheto do software não incluía referência alguma ao fenômeno. Além disso, Esposa 1.0 instala-se de forma que é sempre ativada na inicialização, para que possa monitorar todas as outras atividades do sistema. Meu amigo está descobrindo que alguns aplicativos, como Noite de Pôquer 7.0 e Chope com Amigos 3.5 não podem mais ser executados, travando o sistema sempre que selecionados (embora funcionassem sem problemas anteriormente).

Como resultado, decidi evitar os problemas associados à Esposa 1.0, continuando com Namorada 1.0. O que não eliminou todas as dores de cabeça. Por exemplo, o programa de desinstalação de Namorada 1.0 não funciona muito bem, deixando traços indesejáveis do aplicativo no sistema. E, o que é mais desagradável, todas as versões de Namorada exibem constantemente incômodas mensagens na tela – sobre as vantagens de fazer a atualização para Esposa 1.0.

J. P.